



**“Passando a boiada”: aspectos dialógicos e interdiscursivos
em textos relacionados ao discurso do Ministro
do Meio Ambiente Ricardo Salles**

**“Passando a boiada”: dialogical and interdiscursive aspects
in texts related to the speech of The Minister
of the Environment Ricardo Salles**

Camila Belizário Ribeiro

Universidade de Lisboa (ULisboa), Lisboa / Portugal

camila.belizario@campus.ul.pt

<http://orcid.org/0000-0003-3235-4623>

Maria Clotilde Almeida

Universidade de Lisboa (ULisboa), Lisboa / Portugal

maria.almeida@campus.ul.pt

<http://orcid.org/0000-0001-5014-7658>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir alguns aspectos dialógicos e interdiscursivos percebidos em textos publicados como resposta ao discurso proferido pelo Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, em 22 de abril de 2020. Para tanto, optamos pela abordagem qualitativa, à luz do paradigma de Análise do Discurso. Considerando o grande número de publicações de gêneros variados, resultantes da grande polêmica gerada pelo referido discurso, selecionamos três textos dos gêneros Nota de Posicionamento, Anúncio e Charge, visando exemplificar esta diversidade. Nossa discussão possui como base teórica os conceitos de Subjetividade, Dialogismo, Polifonia, Interdiscurso e Heterogeneidade (AUTHIER-REVUZ, 2004, 2011; BAKHTIN, 1990, 2003; BRANDÃO, 2015; ORLANDI, 2003). Uma vez que dois dos textos escolhidos para este *corpus* consistem em textos multimodais, também nos apoiamos nas noções de Multimodalidade e Retórica (ALMEIDA, 2016, 2019; TSERONIS; FORCEVILLE, 2017). Como resultado deste trabalho, foi possível, observar alguns aspectos do processo dialógico entre os textos selecionados e o discurso-fonte, assim como o papel do interdiscurso e da memória discursiva no

processo interacional. Ademais, tendo em vista o caráter multimodal dos gêneros Charge e Anúncio, assim como a própria natureza metafórica, neste contexto, da expressão “passar a boiada”, recorreremos ao debate de alguns mecanismos retóricos e argumentativos, a exemplo da heterogeneidade mostrada, do texto idiomático figurativo **à luz da teoria da** metáfora conceitual.

Palavras-chave: dialogismo; interdiscurso; heterogeneidade; multimodalidade; metáfora multimodal.

Abstract: This article aims to discuss some dialogical and interdiscursive aspects perceived in texts published in response to the speech given by The Minister of the Environment Ricardo Salles, on April 22, 2020. Therefore, we opted for the qualitative approach, in the light of the Discourse Analysis paradigm. Considering the large number of publications of various genres, resulting from the great controversy generated by the Minister’s discourse, we chose three texts of the genres Note of Positioning, Advertisement and Charge, with the objective of exemplifying this diversity. Our theoretical basis relies on the concepts of Subjectivity, Dialogism, Polyphony, Interdiscourse and Heterogeneity (AUTHIER-REVUZ, 2004, 2011; BAKHTIN, 1990, 2003; BRANDÃO, 2015; ORLANDI, 2003). Since two of the texts selected for this *corpus* consist of multimodal texts, we also take into considerations some issues concerning Multimodality and Rhetoric (ALMEIDA, 2016, 2019; TSERONIS & FORCEVILLE, 2017). As a result of this work, it was possible to observe some aspects of the dialogical process among the selected texts and the source discourse, as well as the role of interdiscourse and discursive memory in the interactional process. Moreover, in view of the multimodal character of the genres Charge and Advertisement, as well as the metaphorical nature, in this context, of the expression “*passar a boiada*”, we resort to the debate of some rhetorical and argumentative mechanisms pertaining to heterogeneity, the figurative idiomatic text in the light of conceptual metaphor.

Keywords: dialogism; interdiscourse; heterogeneity; multimodality; multimodal metaphor.

Recebido em 22 de março de 2021

Aceito em 10 de maio de 2021

Introdução

Em 22 de abril de 2020, foi realizada uma reunião ministerial, contando com a presença do Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e de seus ministros. Gravada e transmitida em diversas mídias com a autorização do Supremo Tribunal Federal, a referida reunião foi amplamente discutida

pelos brasileiros de maneira geral, devido a diversos temas e declarações polêmicas proferidas por alguns ministros, entre as quais, a do Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, ganhou ampla notoriedade e alcance social.

A fala de Ricardo Salles causou imensa polêmica e gerou um sentimento de indignação em órgãos de proteção ambiental, ONGs e na população de maneira geral, o que foi notado em manifestações diversas, como textos jornalísticos, redes sociais, artigos científicos e de opinião etc., tanto em nível nacional quanto internacional. O ministro sugeriu que, uma vez que a cobertura midiática estava quase que completamente voltada à pandemia da COVID-19 (cf. ALMEIDA; GEIRINHAS 2020), o governo deveria “aproveitar a oportunidade” para “ir passando a boiada” nas leis de proteção ambiental. Em outras palavras, o ministro reconhece em seu discurso que, por ser um dos mais visados pela mídia e órgãos de controle, seria mais difícil para seu ministério aprovar medidas; portanto, com a imprensa voltada à cobertura da pandemia, o Ministério do Meio Ambiente poderia alterar mais facilmente normas e regulamentos ambientais.

A polêmica trazida pela fala do ministro articula temáticas ambientais a outros campos, como direitos humanos e necropolítica, definida como “formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte” (MBEMBE, 2016, p. 146). A luta pela preservação ambiental, atrelada à luta por direitos humanos, envolve aspectos sociais, políticos, econômicos e ideológicos que permeiam a própria constituição do homem, sujeito histórico, como parte integrante de uma sociedade e seus ecossistemas. Desta maneira, é fundamental a discussão em torno de questões ambientais envolvendo todos os cidadãos, tendo em vista ações políticas cujas consequências envolvem toda uma sociedade – e, no caso da fauna e da flora brasileira, a questão ambiental pode se agravar até mesmo em escala mundial, a exemplo das alterações climáticas.

Por estas razões, este trabalho pretende debater alguns aspectos textuais e discursivos pelo viés da Análise do Discurso, considerando que este campo de estudo entende o discurso como parte inerente e constitutivo da sociedade, uma vez que o próprio homem, enquanto sujeito, se constitui através dos processos de interação intrínsecos a sua cultura, seu sistema de crenças e valores. O sujeito, nesta perspectiva, é sempre situado sócio, político e historicamente, estando em constante relação dialógica com sua realidade. A partir deste olhar, o analista do

discurso busca nas mais variadas formas de interação verbal relações entre aspectos culturais, políticos, ideológicos e estruturas de poder, questionando-as, levando em conta a não neutralidade do(s) discurso(s) e sua relação com problemáticas sociais. Desta maneira, consideramos relevante destacar algumas das respostas críticas, contestadoras, ao discurso do então Ministro do Meio Ambiente.

Em virtude da grande quantidade e diversidade de textos produzidos nos mais variados suportes – físicos e digitais – em protesto à declaração de Salles, optamos por três textos de diferentes gêneros, a fim de exemplificar, sucintamente, alguns dos questionamentos trazidos por discursos de ativismo ambiental, a partir das relações envolvendo, sobretudo, manifestações da subjetividade, do dialogismo e da heterogeneidade discursiva, entre outros aspectos que envolvem mecanismos de argumentação, como a metáfora multimodal.

1 Subjetividade e Gêneros Textuais: alguns apontamentos

De acordo com Brandão (2015, p. 25), “[...] a língua constitui a condição de possibilidade do discurso”, ou seja, é através da língua e dos textos que se expressa a materialidade dos processos discursivos e a produção de efeitos de sentido. Desta forma, considerando que o sujeito é sempre marcado/interpelado pela historicidade e situado sócio historicamente, deve-se considerar, em Análise do Discurso, qual posição social e ideológica este sujeito ocupa uma vez que o uso da língua sempre reflete, em maior ou menor grau, os valores e crenças de um determinado grupo social.

Nesse contexto, a enunciação é compreendida como um ato individual da língua que marca, através de “um jogo de formas linguísticas”, a subjetividade do falante. Benveniste (1989) destaca a relação intersubjetiva do locutor “em relação ao referente de que fala e ao seu próprio ato de enunciação”.¹ Desta forma, entende-se que, no plano enunciativo do discurso, há sempre um locutor/enunciador que busca influenciar o outro, seu interlocutor/enunciatário, de algum modo e, para tanto, irá organizar seu discurso tendo em vista suas intenções enquanto falante, seus atos de fala.² A palavra é percebida enquanto objeto

¹ Benveniste (1989 *apud* BRANDÃO, 2015, p. 31).

² Cf. Austin (1962) e Searle (1969).

simbólico, carregado de sentido, o qual se manifesta nas relações entre sujeitos, de forma mútua, dialógica. Portanto,

[...] no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. [...]. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores. (ORLANDI, 2003, p. 21).

Tendo em vista a subjetividade, Brandão (2015, p. 42) reitera o caráter polissêmico da palavra, a qual pode mudar de sentido de acordo com o “posicionamento sócio-histórico-ideológico assumido pelo sujeito”, em uma dada formação discursiva. A autora ainda destaca a heterogeneidade dos modos de interação, que não se limitam à formação discursiva, mas também, através da memória discursiva, possibilitam o processo interacional intertextual e interdiscursivo.

Neste cenário, é fundamental mencionar a ideologia, a qual direciona o efeito de sentido entre os interlocutores, ou seja, a compreensão e interpretação dos enunciados; portanto, nos processos de significação, a memória discursiva e o interdiscurso desempenham um papel crucial, uma vez que as posições ideológicas dos sujeitos são determinantes para a formação dos sentidos, cujos limites encontram-se nas formações discursivas, segundo uma determinada conjuntura socio-histórica. Ou seja, o sujeito é percebido como descentrado, orientado socialmente, e situa seu discurso a partir do Outro e como resposta ao discurso do Outro (ORLANDI, 1999).

Assim, considerando o objeto de estudo deste trabalho, o discurso do ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, cabe mencionar também a ideia de subjetividade em Foucault (BARKER; GALASINSKI, 2001). Para o autor, a subjetividade consiste em uma produção discursiva e o sujeito que fala depende de posições ou funções discursivas pré-existentes, vazias, das quais o sujeito se apropria ao ocupar determinado lugar de fala. O cargo ministerial – enquanto lugar de poder institucionalizado e regulatório – concede a legitimidade requerida ao ato de fala do ministro, que atua como a junção de outros discursos pré-existentes, buscando e

manifestando coerência discursiva com os demais sujeitos envolvidos naquele ato de enunciação. Ou seja, o discurso de Salles, enquanto maior autoridade do Ministério do Meio Ambiente, pode ser interpretado como a manifestação de políticas ambientais compartilhadas pelo grupo ao qual pertence, no caso, o então governo bolsonarista.

Por conseguinte, as formas/gestos interpretativos que conectam sujeito e sentido, ou seja, como o sujeito apreende, interpreta e interage com sua realidade são chamadas pelos analistas do discurso de *condições de produção*. Estas condições de produção englobam a ideologia, o contexto socio-histórico e a memória discursiva, esta última dividida em interdiscurso e intradiscurso.

Assim, partindo do pressuposto de que o discurso consiste em uma ação social engajada em uma estrutura de compreensão, comunicação e interação, Van Dijk (1997) considera insuficiente a análise linguística quando esta envolve separadamente as estruturas internas da língua e seus processos cognitivos. Para o autor, o discurso faz parte de uma estrutura muito mais ampla, complexa, abarcando também processos socioculturais.

Com isso em mente, destacamos o aspecto social dos gêneros textuais/discursivos que, conforme Bakhtin (2003), consistem em formas relativamente estáveis de enunciados que desempenham uma função social: o gênero é entendido como prática social, heterogênea e interdiscursiva, que envolve a participação dos interlocutores enquanto agentes que intervêm, modificam, (re)significam suas realidades, seus meios sociais, por meio das interações linguísticas.

Genres are the specifically discursual aspect of ways of acting and interacting in the course of social events: we might say that (inter) acting is never just discourse, but it is often mainly discourse. So when we analyze a text or interaction in terms of genre, we are asking how it figures within and contributes to social action and interaction in social events.³ (FAIRCLOUGH, 2004, p. 65).

³ “Gêneros são o aspecto discursual específico das formas de agir e interagir no curso dos eventos sociais: podemos dizer que a (inter)ação nunca é apenas discurso mas é, muitas vezes, principalmente discurso. Então, quando analisamos um texto ou a interação em termos de gênero, nos perguntamos como ele figura e contribui para a ação social e interação em eventos sociais”. [tradução nossa]

Portanto, como citado anteriormente, o discurso de Salles motivou inúmeras respostas contrárias ao seu posicionamento, resultando em manifestações textuais e discursivas de diversos gêneros. Neste caso, percebendo o gênero enquanto prática social, que responde a necessidades comunicativas, nosso trabalho partiu da análise de gêneros situados, ou seja, textos interconectados que manifestam uma cadeia de diferentes gêneros⁴ voltados à mesma temática.

2 Interdiscurso, Polifonia, Dialogismo e Heterogeneidade: o já-dito e suas tecituras

Considerando a perspectiva da Análise do Discurso, entende-se que o texto, enquanto materialização do discurso, ultrapassa os limites da frase, da análise linguística descontextualizada de suas condições de produção; ou seja, as relações textuais e discursivas são construídas a partir da exterioridade e subjetividade dos sujeitos envolvidos no processo de interação. Assim, reiteramos a importância da intertextualidade e da interdiscursividade, tendo em vista as relações dialógicas entre texto e discurso.

Todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em multiforme com outros discursos, de entrar no interdiscurso. [...] é também um espaço discursivo, um conjunto de discursos (de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos) que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 286).

Conforme discutido por Mesquita e Rosa (2010), o interdiscurso regulamenta o processo argumentativo, tendo em vista a tensão entre paráfrase e polissemia, pois através destas o sujeito retoma o já-dito. A memória discursiva também se relaciona à própria constituição do discurso, uma vez que expressa os saberes compartilhados dos sujeitos por meio do interdiscurso. Portanto, o interdiscurso e a memória discursiva relacionam-se à dimensão histórica do discurso, uma retomada do já-dito, que pode ter sido esquecido enquanto discurso materializado. Desta forma, o intradiscurso revela-se pela forma como esse pré-construído – o

⁴ Sobre a noção de cadeia de gêneros, ver Fairclough (2004).

interdiscurso – socio-historicamente emerge na materialidade do dizer. Assim, conforme ressaltado por Brandão (2015, p. 27),

[...] um discurso não existe sozinho, [...] está em constante interação com outros discursos, toda FD é um sistema de dispersão que se define em sua relação paradoxal com outras FDs que a atravessam trazendo o outro (a alteridade) para o seu interior, o mesmo. Essa relação do outro-mesmo de uma FD dá a Pêcheux e a outros estudiosos o reconhecimento de que a heterogeneidade é constitutiva do discurso.

Nesse processo destaca-se também a polifonia, perpassando as trocas discursivas. Sucintamente, isso significa que um mesmo enunciado pode ser constituído por várias vozes, vários sujeitos, ou seja, as manifestações discursivas de um determinado sujeito trazem efeitos polifônicos, considerando o interdiscurso e a memória discursiva; quando um sujeito produz um enunciado, são várias as vozes que permeiam seu ato enunciativo. Por meio das relações dialógicas, da alteridade e das inúmeras vozes que perpassam um dado discurso, os sujeitos interagem, debatem pontos de vista, dialogam, concordam, discordam, enfim, re(constroem) suas subjetividades.

A consideração da ação do inconsciente como porta de acesso para outros discursos, permite conceber o discurso como um campo heterogêneo. Afinal, várias vozes podem ser ouvidas no mesmo discurso. Sobre isso, Authier-Revuz (2004, p. 61) diz que “a localização dos traços do discurso inconsciente na análise leva à afirmação de que *todo discurso é polifônico*, consistindo o trabalho de análise em ouvir, *ao mesmo tempo*, as diferentes vozes, partes, registros da partitura ou da cacofonia do discurso”. (MESQUITA; ROSA, 2010, p. 133-134, grifos dos autores).

Por conseguinte, considerando as trocas discursivo-dialógicas na esfera do interdiscurso, a partir dos estudos bakhtinianos acerca do dialogismo e da Psicanálise, Authier-Revuz (2004) discute o conceito de heterogeneidade enunciativa. A partir da premissa de que todo discurso é atravessado pelo discurso do Outro, a heterogeneidade é uma propriedade constitutiva da linguagem, que pode ser percebida na materialidade do enunciado através de marcas/indícios que mostram/sinalizam a presença deste Outro. O discurso é compreendido como resultado da divisão entre consciente e inconsciente, revelando um sujeito clivado, descentrado,

atravessado por heterogeneidades. Authier-Revuz (2001, p. 7) apresenta a heterogeneidade como constitutiva do fato enunciativo, atravessado por heterogeneidades dialogais, articulado pelo “dizer do um, do outro-a-quem-ele-se dirige com outro do já-dito”. Brandão (2015, p. 35), acerca desta questão, postula:

O discurso não é fechado nele mesmo, ele está o tempo todo remetendo ao “outro”, o “outro” aqui entendido como o outro/meu interlocutor e também os outros discursos, produzidos alhures e que atravessam toda a enunciação; nessa perspectiva entende-se que todo discurso é produto do interdiscurso.

Isso posto, considerando o interdiscurso e a heterogeneidade enunciativa, Authier-Revuz (2004) aponta dois tipos de heterogeneidade: a mostrada e a constitutiva. A primeira diz respeito às formas mostradas, ou à erupção do “outro” no discurso, manifestando-se como marcada (a exemplo do discurso direto e indireto, citações, aspas e itálico) ou não marcada (a exemplo da ironia, da metáfora e do discurso indireto livre). Em ambos os casos a voz do “outro” é notada na superfície de um determinado discurso ou ato de enunciação, ou seja, percebe-se a “explicitação por parte do locutor de uma abertura no seu próprio discurso ao discurso de um outro” (BORBA, 2004, p. 1). Ainda, na heterogeneidade mostrada, considerando os traços observáveis na superfície do discurso, manifesta-se a conotação autonímica:

A conotação autonímica permite uma continuidade sintática – o único traço que remete o discurso para o exterior são as marcas de aspas e itálico. Tais marcas são, no primeiro caso, redundantes, pois o locutor anuncia que será de outro o discurso proferido; contudo, no caso da conotação autonímica, essas marcas são vestígios de exterioridade concreta. (BORBA, 2004, p. 2).

Brandão (2015, p. 36) traz mais exemplos de algumas formas como a heterogeneidade mostrada pode manifestar-se em um determinado enunciado ou discurso:

1. as que apresentam índices formais como as que aparecem no discurso direto (verbo de dizer + dois pontos), no discurso indireto (os conectivos *que* ou *se* + mudança dos tempos verbais e formas pronominais), nas expressões que indicam de onde procede a voz (como: segundo, conforme, do ponto de vista de, etc);

2. as que são sinalizadas de forma mais sutil, não apresentando ruptura sintática nem expressões que marcam a procedência da fala, mas algum sinal que denuncie a fala outra como marcas gráficas do tipo aspas, parênteses, itálico, negrito etc., ou o uso de expressões de outra língua (cozer o macarrão *al dente*), o emprego de um registro familiar num discurso formal, acadêmico ou vice-versa, o uso de gírias, jargões técnicos em discursos em que estas expressões entram como corpo estranho, as diferentes formas de metalinguagem, de ajuste da palavra ao contexto (isto é, no melhor sentido, no sentido X), etc.

No caso da heterogeneidade constitutiva, a mesma não aparece na superfície do texto, no fio discursivo, mas está implícita, possuindo “uma ancoragem, necessária, no exterior do linguístico” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 22). Para perceber este tipo de heterogeneidade, a constitutiva, a autora leva em conta campos externos à Linguística como a Psicanálise e o Dialogismo bakhtiniano – que situam a heterogeneidade como própria da natureza da linguagem –, reconhecendo aspectos extralinguísticos para a compreensão do “outro” no discurso do “um”.

Assim, a heterogeneidade constitutiva é aquela não localizável, na qual a presença do outro não é delimitada. O repertório cultural do interlocutor, dessa forma, é essencial para a construção de sentidos no discurso. Vale destacar que a heterogeneidade é constitutiva tanto do discurso quanto do sujeito, uma vez que não há discurso homogêneo, já que ele é também do outro. (MESQUITA; ROSA, 2010, p. 137).

É importante destacar que a heterogeneidade mostrada não se trata da representação real da heterogeneidade constitutiva, mas sim apresenta somente uma das facetas desta última, consistindo em uma tentativa de dissolver a alteridade e transformá-la em homogeneidade (BORBA, 2004). O falante acredita haver o Um, quando este Um significa, na verdade, uma junção/mescla de interdiscursos, de vozes e memórias discursivas. Por fim, a heterogeneidade mostrada pode ser apreendida através da descrição linguística, enquanto a constitutiva fundamenta-se, como citado anteriormente, na Psicanálise e no dialogismo.

O princípio básico do dialogismo apoia-se na ideia de que a significação consiste em um efeito de coconstrução de sentidos, resultante do processo de interação dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo. A partir da ideia de réplica, apreende-se que, nas relações dialógicas, “um

discurso se constrói na medida em que os outros são seus exteriores teóricos” (BORBA, 2004, p. 3). O Outro não consiste nem em uma duplicação tampouco na exclusão do Um, mas em algo que lhe perpassa, e o dialogismo, assim, passa a ser a condição de constituição do discurso.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2006, p. 117).

De maneira breve, entendemos que tal processo de construção mútua de sentido pelos interlocutores/sujeitos resulta da orientação dialógica do já-dito, assim como da enunciação enquanto produto de um contexto sociocultural, político e ideológico. Ou seja, o discurso integra uma discussão ideológica, sempre em resposta a discursos pré-existentes ou como antecipação a discursos projetados, ao pensamento do Outro.

Desta forma, a dialogização se expressa de forma interior e exterior ao sujeito: a primeira se caracteriza pelo direcionamento de um determinado discurso pelo sujeito, uma espécie de antecipação da compreensão pretendida por seu interlocutor; já a exterior é marcada pela interferência do interlocutor; ou seja, o Um, sujeito socio-histórico, constrói seu discurso marcado pela(s) cultura(as) e ideologia(s) que permeiam o cotidiano, sua realidade concreta e, à medida que interage com o Outro, reconstrói, modifica, ressignifica seu discurso, sua subjetividade, por meio de um processo complexo e contínuo, observável a partir de estudos que ultrapassam a análise linguística, mas também apoiam-se em outros campos das Ciências Sociais, a exemplo de Estudos Culturais, Política, Ideologia, Identidade etc. É importante destacar que o dialogismo bakhtiniano não se preocupa com o inconsciente, mas ampara-se em aspectos sócio-históricos.

De acordo com Authier-Revuz (2011), o dizer é essencialmente direcionado/endereçado, compondo-se conforme as condições concretas de sua realização; a ideia de um dizer neutro ou não endereçado é uma ficção. Desta forma, o dizer do sujeito é fundamentalmente determinado, constituído, perpassado pelo dizer do Outro. Sobre esta discussão, a autora cita o círculo de Bakhtin, reiterando o eixo interlocutivo e a compreensão responsiva como mecanismos constitutivos do dizer. De acordo com os autores, o discurso, essencialmente dialógico, é orientado para a

perspectiva do interlocutor, sendo a palavra um ato bilateral, determinada, ao mesmo tempo, por aquele que a profere considerando a réplica de seu interlocutor, ou seja, todo discurso “é determinado ao mesmo tempo pela réplica não ainda dita, mas solicitada e já prevista. É assim em todo diálogo vivo” (AUTHIER-REVUZ, 2011, p. 10). Este processo é marcado por duas dimensões: a interlocutiva e a interdiscursiva, que concernem, respectivamente, ao falar em função do interlocutor e do meio do já-dito, ou da memória discursiva, trazendo elementos enunciados em outras trocas, tanto em sua dimensão linguística como em seu exterior.

Portanto, centrado na questão da retórica e argumentação, o presente artigo parte do postulado geral de que a persuasão discursiva decorre de uma visão dialógica da retórica que assenta numa estratégia argumental, em que os meios de persuasão envolvem a avaliação dos potenciais nexos de contrapersuasão (COCKCROFT; COCKCROFT, 2014). Assim sendo, a persuasão é definida como “interação controlada” (COCKCROFT; COCKCROFT, 2014), em que o retórico procura explorar os elementos ideológicos, pessoais e contextuais envolvidos em cada interação persuasiva.

3 A metáfora multimodal

Considerando que a maior polêmica do discurso do ministro girou em torno de uma expressão idiomática de cunho metafórico, “passar a boiada”, é importante destacar alguns aspectos teóricos que dizem respeito à metáfora neste contexto, tendo em conta que a construção das expressões idiomáticas na base de metáforas conceituais foi advogada por Kövecses; Szabó (1996). Além disso, como um dos textos escolhidos para análise consiste em uma charge que traz uma metáfora imagética, a multimodalidade possui um papel crucial para a compreensão e assimilação da sua relação com o discurso-fonte. Desta forma, a nossa investigação, também focada nas trocas discursivas multimodais em meio digital, enquadra-se nos estudos de retórica e multimodalidade (ALMEIDA 2016, 2019; TSERONIS; FORCEVILLE, 2017). Contudo, importa distinguir a retórica multimodal, abordagem focada na construção semântica que envolve diferentes recursos semióticos articulados entre si, visando um público específico numa certa situação retórica da argumentação multimodal e desempenhando um determinado papel na elaboração da estrutura argumentativa.

Para esta discussão, trazemos a noção de símbolos culturais, como postulado por Kövecses (2006). Para o autor, estes símbolos fundamentam-se em metáforas já enraizadas em uma determinada cultura, a exemplo do FOGO para a metáfora conceitual A VIDA É FOGO. Portanto, “[...] to understand a symbol means in part to be able to see the conceptual metaphors that the symbol can evoke or was created to evoke”⁵ (KÖVECSES, 2006, p. 139). Neste contexto, cabe a definição de metáfora defendida por Charteris-Black (2014, p. 19), ao postular:

[a] metaphor is a linguistic representation that results from the shift in the use of a word or phrase from the context or domain in which it is expected to occur to another context or domain where it is not expected to occur, thereby causing semantic tension.⁶

Muito sucintamente, a tensão semântica, no caso dos discursos selecionados para análise neste trabalho, ocorre pelo uso da expressão “passar a boiada”, enraizada na cultura dos falantes brasileiros no contexto rural como “abrir caminho para a passagem de uma manada de bois”, que, no contexto da fala do ministro, recebe outra significação, a de “afrouxar normas de regulamentação ambiental”. Tal construção metafórica será discutida mais adiante, tendo em vista fatores como a visão de mundo, valores e sistemas de crenças compartilhados pelos atores envolvidos no processo argumentativo. De acordo com Hidalgo-Dowling e Kraljevic-Mujic (2009), estes aspectos refletem nossas escolhas linguísticas, variando através do tempo e dos registros, a fim de se adaptarem às mudanças nas arenas políticas, sociais e culturais.

4 Metodologia

A constituição de um *corpus* em Análise do Discurso percorre algumas etapas, como, primeiramente, o contato inicial com o texto, a percepção de sua discursividade pelo analista, a seleção do objeto, e a desnaturalização da relação palavra x coisa. A partir deste passo inicial, o

⁵ “[...] entender um símbolo significa, em parte, conseguir perceber as metáforas conceituais que o símbolo pode evocar ou que foi criado para evocar”. [tradução nossa]

⁶ “[uma] metáfora consiste em uma representação linguística que resulta, a partir do uso, da mudança de uma palavra ou expressão do contexto ou domínio onde espera-se que ela ocorra para outro contexto ou domínio onde não é esperado que ela ocorra, causando, desta forma, uma tensão semântica”. [tradução nossa]

analista vislumbra as formações discursivas e ideológicas de determinada prática discursiva, buscando perceber o que regulamenta e orienta esta prática. Oliveira *et al.* (2020, p. 10-11) acrescentam que o processo de formação de um *corpus* em AD parte da seguinte problemática: a abordagem/percepção do analista quanto a um determinado objeto irá definir delinear os próprios dados.

Ainda, consoante Charaudeau e Maingueneau (2012), o modo de constituição do *corpus* não corresponde simplesmente às exigências técnicas da epistemologia das ciências sociais, uma vez que esta última “é problemática na medida em que coloca em jogo a própria concepção da discursividade e sua relação com as instituições” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 139), delimitando dados e teorias conforme o exterior discursivo e fazendo escolhas axiomáticas como objeto de debates teóricos.

Outro fator importante para o analista do discurso trata-se do aspecto temporal do *corpus* selecionado, uma vez que pela intertextualidade, interdiscursividade e memória discursiva os textos e discursos se relacionam pelo viés histórico. No caso deste trabalho, a cronologia dos textos estudados é fundamental, pois os textos escolhidos para análise remetem sua(s) crítica(s) a um discurso proferido anteriormente a eles, ou seja, sem a referência temporal o leitor/interlocutor dificilmente compreenderia a relação entre os textos. Portanto, “o fator tempo [...] atua nas condições de produção dos discursos e na filiação dos sentidos, por meio do interdiscurso/intertexto e da memória discursiva” (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p. 11). Todavia, é importante ressaltar que para a AD, a história refere-se às práticas discursivas e não necessariamente ao tempo cronológico – embora, em muitos casos, o aspecto cronológico seja fundamental para a análise e interpretação de textos e discursos, como neste *corpus*.

Ainda, conforme Van Dijk (1997), o analista deve tentar manter-se distante de seu objeto de análise, buscando a objetividade requerida no meio acadêmico. Todavia, intencionalmente ou não, o pesquisador pode também engajar-se nos fenômenos estudados, quando questões que envolvem abuso de poder, dominação e desigualdade social são reproduzidas por discursos. Portanto, a escolha do referido *corpus* fundamenta-se neste postulado, de que o analista do discurso deixa clara sua posição, assume que não existe neutralidade discursiva e visa desmistificar e desafiar discursos de dominação. Além disso, o autor

ênfatisa que a pesquisa deve centrar-se em problemas sociais relevantes, e não simplesmente em teorias e paradigmas, direcionando-se mais à questão, à problemática, do que a teoria em si mesma. Em suma, o pesquisador deve assumir um papel, uma postura crítica diante do objeto, de cunho social e político:

Analysis, description and theory formation play a role especially in as far as they allow better understanding and critique of *social inequality*, based on gender, ethnicity, class, origin, religion, language, sexual orientation, and other criteria that define differences between people. Their ultimate goal is not only scientific, but also social and political, namely *change*. In that case, social discourse analysis takes the form of a *critical discourse analysis*.⁷ (VAN DIJK, 1997, p. 23, grifos do autor).

Com estas considerações em mente, pretendemos analisar de forma qualitativa e interpretativa alguns aspectos textuais e discursivos de manifestações do Dialogismo, Interdiscursividade e Heterogeneidade Discursiva em textos de diferentes gêneros relacionados ao discurso proferido pelo Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, na reunião ministerial no dia 22 de abril de 2020. Para tanto, selecionamos três textos digitais de diferentes gêneros (Nota de Posicionamento, Charge e Anúncio), publicados após a divulgação do referido discurso, nos quais é possível identificar os aspectos discursivos supracitados, além de trazerem em seu bojo fortes críticas com relação à problemática ambiental abordada na fala do ministro. Em suma, à luz dos conceitos de Dialogismo, Interdiscursividade e Heterogeneidade Discursiva, buscamos identificar como os textos dialogam entre si a partir do discurso fonte, apresentando alguns exemplos em nível textual e discursivo de manifestações destas teorias. Além disso, como citado anteriormente, devido à natureza metafórica da expressão “passar a boiada”, abordamos alguns aspectos teóricos e metodológicos concernentes à identificação da metáfora multimodal na charge escolhida para análise, visando apreender seu papel retórico no texto imagético.

⁷ “A análise, descrição e formação teórica desempenham um papel especialmente na medida em que permitem uma melhor compreensão e crítica da *desigualdade social*, com base em gênero, etnia, classe, origem, religião, língua, orientação sexual, e outros critérios que definem diferenças entre as pessoas. Seu objetivo final não é apenas científico, mas também social e político, ou seja, o que chamamos *mudança*. Nesse caso, a análise do discurso social toma a forma de uma análise crítica do discurso”. [tradução nossa]

5 Descrição do *Corpus* e Análise dos Dados

O discurso-fonte, escolhido como base para a seleção dos outros textos, consiste em um trecho do discurso proferido pelo Ministro do Meio Ambiente do Brasil, Ricardo Salles, na reunião ministerial de 22 de abril de 2020, o qual gerou bastante polêmica após sua divulgação em mídias de massa, tanto no Brasil quanto no exterior:

A oportunidade que nós temos. Que a imprensa não tá. Tá nos dando um pouco mais de alívio nos outros temas. É passar as reformas infralegais de desregulamentação, simplificação[...]. Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de COVID e **ir passando a boiada** e mudando todo o regramento e simplificando normas. (SALLES, 2020 apud UOL, 2020, grifo nosso).

Após a divulgação do discurso supracitado, muitas críticas foram tecidas em inúmeras mídias, a exemplo de telejornais e jornais impressos, revistas impressas e eletrônicas, blogs, artigos de opinião, redes sociais etc. Jornalistas, ativistas ambientais, pesquisadores e cidadãos comuns, membros de redes sociais como Facebook e Instagram, produziram inúmeros textos de gêneros variados e multimodais, visando criticar e repudiar a postura do ministro, que demonstrou descaso com a questão ambiental complexa a qual o Brasil tem atravessado, principalmente na floresta amazônica (desmatamento, queimadas, mineração ilegal, exploração de terras indígenas, grilagem etc).⁸ Devido à variedade de textos publicados como resposta ao discurso fonte, optamos por 03 de diferentes gêneros, a fim de exemplificar tal diversidade.

Inicialmente, destacamos a expressão idiomática “passar a boiada” que, em português do Brasil, geralmente usada em zonas rurais, em seu contexto literal, denotativo, refere-se ao ato de “deixar passar”, “abrir caminho” ou “abrir a porteira” para o gado, ou seja, uma manada de bois. No caso do discurso-fonte, nota-se na fala do ministro a expressão empregada com caráter metafórico: neste contexto,

⁸ Para mais detalhes sobre alguns dos atos infralegais de afrouxamento das normas de proteção ambiental, ver: https://www.wwf.org.br/informacoes/noticias_meio_ambiente_e_natureza/?76363/Dando-nomes-aos-bois-listamos-os-atos-infralegais-que-prejudicam-o-meio-ambiente.

“passar a boiada” foi justificada pelo ministro como “desburocratizar” normas e regulamentações ambientais e “tirar obstáculos para questões extremamente importantes”.⁹

Todavia, diante de inúmeras medidas em curso do atual governo, as quais favoreceram políticas de degradação ambiental – como a exportação ilegal de madeira nativa, garimpo ilegal em terras indígenas, desmatamento da Amazônia e da Mata Atlântica, grilagem, anistia a desmatadores, aumento do uso de agrotóxicos, exonerações e demissões no IBAMA, entre outras¹⁰ –, a fala do ministro veio reforçar aquilo que ambientalistas, ativistas e jornalistas já têm questionado desde o início do governo Bolsonaro: a aceleração de atos sobre o meio ambiente.

De acordo com levantamento realizado pelo jornal Folha de S. Paulo e pelo Instituto Talanoa, o governo Bolsonaro acelerou a publicação de atos sobre o meio ambiente durante o meses de crescimento da pandemia da **Covid-19** no Brasil. Entre março e maio, 195 atos relacionados à questão ambiental foram validados. Nos mesmos meses de 2019, apenas 16 foram aprovados. O aumento é de 12 vezes. (UOL Notícias, 2020, grifo do autor).

Diante desse cenário, fica clara a relação de dialogismo entre os três textos e o discurso- fonte, uma vez que os textos foram produzidos a partir da ideia de réplica e coconstrução de sentido, questionando, refutando, trazendo à superfície do texto as questões socioideológicas presentes no discurso original. O dialogismo se expressa também à medida que o leitor (re)constrói, amplia, ressignifica seus argumentos e posicionamentos a partir da interação com os textos. A relação dialógica ocorre através das marcas de heterogeneidade mostrada e constitutiva, assim como da memória discursiva, as quais remetem o leitor/enunciário

⁹ Algumas reportagens nas quais o ministro busca esclarecer a expressão podem ser acessadas em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-06-04/passar-a-boiada-significa-desburocratizar-diz-salles-do-mma.html>; <https://www.biznews.com.br/ricardo-salles-explica-o-significado-da-expressao-passar-a-boiada/> e <https://www.otempo.com.br/politica/passar-a-boiada-quer-dizer-atualizar-normas-de-todos-os-ministerios-diz-salles-1.2341233>. Acesso em: 24 mai. 2021.

¹⁰ Algumas medidas que favoreceram a degradação ambiental e de direitos indígenas podem ser vistas no site: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/09/o-que-passou-na-boiada-de-ricardo-salles-durante-a-pandemia>.

à fala do ministro e a outros discursos anteriores que perpassam muitas das questões atreladas à problemática ambiental no Brasil.

O primeiro texto escolhido para análise, que chamaremos Texto 1, consiste em uma *Nota de Posicionamento* publicada em 22 de maio de 2020 no site da ONG WWF Brasil. Criada em 1961 e conhecida mundialmente por seu ativismo ambiental em inúmeros países, a organização atua no Brasil desde 1971.¹¹

É inaceitável um ministro que usa a morte de milhares de brasileiros para agir na ilegalidade

Nota de posicionamento: o WWF-Brasil vem a público expressar sua indignação

Por WWF-Brasil

O WWF-Brasil vem a público expressar sua indignação com a estratégia de destruição do arcabouço legal de proteção ao meio ambiente no Brasil evidenciada pela fala do ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, durante reunião ministerial realizada em 22 de abril e divulgada na tarde desta sexta-feira, 22 de maio. [...] Não é surpresa que o Ministro Ricardo Salles venha trabalhando, desde o início de seu mandato, para fragilizar as regras e as instituições criadas para defender nosso patrimônio ambiental. Não por acaso 2019 foi o ano com maior desmatamento na Amazônia em uma década, e **os números deste ano mostram que vamos superar essa marca**. É notória a paralisia administrativa em seu ministério e nos órgãos a ele associados. Apesar disso, choca constatar sua intenção de aproveitar a maior tragédia econômica e sanitária em muitas gerações, uma pandemia que já resultou em dezenas de milhares de vidas perdidas, para, em suas palavras, “passar a boiada” [...]. (WWF BRASIL, 2020, grifos do autor)

Neste texto, a relação dialógica é observada, primeiramente, pelo seu próprio gênero, ou seja, uma *Nota de Posicionamento*. O enunciador já apresenta seu argumento como não neutro, contrapondo e rechaçando o discurso de Salles, o que é notado em expressões e escolhas lexicais e semânticas como: **É inaceitável**; *expressar sua indignação*; *a estratégia de destruição*; *fragilizar as regras e as instituições*; *choca constatar*

¹¹ Disponível em: https://www.wwf.org.br/wwf_brasil/historia_wwf_brasil/. Acesso em: 24 mai. 2021.

sua intenção de aproveitar a maior tragédia econômica e sanitária em muitas gerações.

No que diz respeito às manifestações de heterogeneidade constitutiva, identificamos alguns trechos que nos remetem a outros discursos, tanto ao próprio discurso do ministro Ricardo Salles como a outros, anteriores e constitutivos dele próprio, a exemplo de:

QUADRO 1 – Manifestações de heterogeneidade constitutiva

Excerto	Discursos anteriores/constitutivos acerca de:
“a morte de milhares de brasileiros”; “a maior tragédia econômica e sanitária em muitas gerações”	A pandemia da Covid-19
“agir na ilegalidade”, “estratégia de destruição do arcabouço legal de proteção ao meio ambiente”, “fragilizar as regras e as instituições criadas para defender nosso patrimônio ambiental”	Medidas abruptas de afrouxamento de normas e legislação ambiental, favorecendo à destruição do meio ambiente
“Não por acaso 2019 foi o ano com maior desmatamento na Amazônia em uma década, e <u>os números deste ao mostram que vamos superar essa marca</u> ”	A política de degradação do meio ambiente do governo Bolsonaro
“a paralisia administrativa em seu ministério e nos órgãos a ele associados”	A falta de ação e punição por crimes ambientais

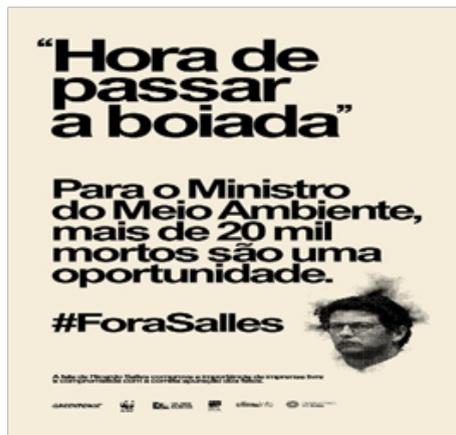
Fonte: elaboração própria.

Já a heterogeneidade mostrada, sinalizada por marcas na superfície do texto, é facilmente percebida pelas aspas em “passar a boiada”. A heterogeneidade mostrada também pode ser observada pelo verbo “evidenciar” e pela expressão “em suas palavras”, uma vez que o enunciador destaca partes de seu discurso como tentativas de reprodução do discurso de Salles, marcando as falas do enunciador do discurso-fonte:

[...] a estratégia de destruição do arcabouço legal de proteção ao meio ambiente no Brasil **evidenciada pela fala do ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles** [...] uma pandemia que já resultou em dezenas de milhares de vidas perdidas, para, **em suas palavras, “passar a boiada”** [...]. (WWF BRASIL, 2020, grifos nossos)

Partindo para a análise do Texto 2, publicado em 27 de maio de 2020, temos um *Anúncio* veiculado no site Conexão Planeta. Este site também possui o perfil de um jornalismo crítico, de cunho ativista, voltado a temas ligados à sustentabilidade, meio ambiente e temas relacionados, como direitos humanos, povos indígenas, entre outros. É importante destacar que o anúncio não aparece isolado, mas como cotexto para uma notícia jornalística que condena a postura de Ricardo Salles, apontando inúmeras críticas à sua atuação enquanto Ministro do Meio Ambiente; todavia, para este trabalho, optamos por analisar somente o anúncio, uma vez que um dos nossos objetivos consiste em abordar discursos veiculados através de textos de gêneros diversificados, portanto, também multimodais:¹²

FIGURA 1 – Anúncio



Fonte: Camargo (2020).

Assim como no Texto 1 fica clara a relação dialógica pela natureza do gênero, que comumente apresenta uma mescla de informações, símbolos e imagens, o que o caracteriza como um texto multimodal. Assim, o dialogismo também pode ser percebido por este fator, ou seja, pela a junção de meios intersemióticos, intertextuais e interdiscursivos,

¹² A reportagem completa está disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/em-anuncio-entidades-empresariais-defendem-desmonte-ambiental-de-salles-mas-associadas-repudiam-apoio-nas-redes-sociais/#fechar>.

os quais operam num processo de resposta a alguma situação ou acontecimento. Pelo diálogo com outros textos, discursos e imagens, neste caso, o anúncio difunde uma crítica de cunho político, social e ideológico.

No que diz respeito à heterogeneidade discursiva, a mesma é identificada também pelo caráter multimodal, interdiscursivo e intersemiótico do gênero. Neste caso, manifesta-se a heterogeneidade mostrada, uma vez que o sujeito/enunciador remete o leitor/enunciatário ao discurso original, numa tentativa de réplica, por estratégias como as aspas em “Hora de passar a boiada”, pela referência à fonte interdiscursiva “Para o Ministro do Meio Ambiente” e pelo substantivo “oportunidade”, empregado por Salles no discurso-fonte. Estas marcas evidenciam a tentativa de distanciamento do enunciador, reforçando a relação antagonica *Tu* (alvo da crítica) *x* *Eu* (sujeito que critica e contesta).

A heterogeneidade mostrada também se destaca pelo uso do *hashtag* “#ForaSalles” e da imagem do ministro. O *hashtag*, bastante utilizado no ativismo em ambientes virtuais, ou *ciberativismo*, tornou-se símbolo de mobilizações sociais em meios digitais (MEDEIROS, 2020). Portanto, ao utilizá-lo, o enunciador deixa claro o elo de seu discurso com outros discursos digitais e multimodais, também voltados ao ativismo político e ambiental. No que diz respeito à imagem, pode-se aferir que a mesma visa associar ao ministro o discurso de negligência com relação à morte de milhares de brasileiros, aproveitando a atenção das mídias à pandemia da Covid-19 para acelerar a aprovação de medidas infralegais, indo de encontro aos interesses de diversas classes engajadas na preservação do meio ambiente.

Por fim, ainda como heterogeneidade mostrada, na parte inferior do anúncio ocorre a menção à fala de Salles (“A fala de Ricardo Salles comprova”) e a várias logos de ONGs que atuam no ativismo ambiental, que se posicionaram no anúncio.¹³ De acordo com Oliveira *et. al* (2020), esta interdiscursividade pretende situar o leitor, ativar sua memória discursiva sobre outros discursos ambientais precedentes a este, enfatizando a repercussão da fala de Salles entre meios de comunicação diversos e organizações de alcance mundial:

¹³ No site Conexão Planeta, a matéria jornalística informa que o anúncio foi publicado em outros suportes, sob a autoria das ONGs GreenPeace Brasil, WWF-Brasil, SOS Mata Atlântica, ClimaInfo, Instituto Socioambiental (ISA) e Observatório do Clima (OC).

FIGURA 2 – Anúncio: heterogeneidade mostrada, interdiscursividade e memória discursiva



Fonte: Camargo (2020).

Quanto ao Texto 3, trata-se de uma *Charge* publicada em 03 de agosto de 2020 no site De Olho nos Ruralistas, que consiste em um observatório do agronegócio no Brasil. O referido projeto, fundado em 2016, atua pelo viés de um jornalismo crítico, visando à veiculação de notícias de cunho investigativo, checagem de informações, coleta de dados, produção de materiais audiovisuais e cartográficos, entre outros, sempre em torno de temas voltados ao agronegócio e problemáticas ambientais. Assim como o anúncio, a charge apresenta-se como cotexto para uma notícia jornalística de cunho crítico e condenatório da atuação do ministro.¹⁴

FIGURA 3 – Charge



Fonte: Baptistão (2020).

¹⁴ A reportagem completa está disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/2020/08/03/esplanada-da-morte-v-por-que-ricardo-salles-e-sua-boiada-continuam-passando/>.

Originado do francês *charger*, este gênero marca o caráter de alguém ou algo como exagerado, burlesco. Geralmente veiculada pela imprensa, retratando situações e acontecimentos atuais de forma crítica, a charge apresenta-se como um desenho humorístico, uma caricatura, com uma ou mais personagens, com ou sem legenda e/ou balões (LINS; RANGEL, 2011). Ainda como apontam Silva e Almeida (2020), a charge consiste em um gênero capaz de atuar como uma arma social, geralmente satírica, no sentido em que revela “verdades” camufladas, buscando mostrar o que está por trás dos fatos – além de informar, a charge apresenta, através de estratégias argumentativas imagéticas, críticas sociais com relação a questões políticas ou eventos da atualidade. Valendo-se de estratégias semióticas, a charge acaba por recriar uma determinada realidade a partir de representações de um modelo mental; ela não corresponde à representação fiel da realidade, mas a uma simulação baseada na intencionalidade, no exagero, e em figuras de linguagem que consistem em tentativas de recriação de novas representações de uma determinada realidade a partir do olhar do chargista, como um simulacro, misturando o real e a imaginação.

Assim como nos outros dois textos, a charge dialoga fortemente com o discurso do ministro; neste caso, refutando-o através do texto imagético. Levando em consideração a relação dialógica dos textos, podemos nos remeter à Brandão (2015, p. 22), quando reitera que “os discursos estão ora em relação de conflito, ora de aliança, e a linguagem é vista como uma arena de lutas.” Assim como nos outros dois textos, o dialogismo é manifestado como “a arena de lutas” na qual os interlocutores se contrapõem, e o sujeito/enunciador hostiliza o discurso do ministro. Uma das características fundamentais deste gênero consiste justamente em sua orientação argumentativa a fim de persuadir o leitor a pensar/agir de determinada forma; a associação do texto imagético à caricatura buscando o efeito humorístico é uma estratégia bastante usada com o intuito de ridicularizar figuras políticas, como no nosso exemplo. Neste caso, é também importante destacar a problemática ambiental veiculada na charge. Este tema, conforme aponta Silva (2020), possui um caráter mais voltado ao humor negro e à conscientização, portanto, o humor aqui não se relaciona a uma situação engraçada, mas as motosserras produzem o efeito oposto, trazendo a imagem, ou o *frame*, de desmatamento, destruição da natureza.

O que mais chama a atenção e dá significado à charge consiste na metáfora imagética: ao abrir a porteira, a boiada é representada por motosserras; a partir desta imagem, o enunciatório, através da memória discursiva, do dialogismo e de modelos mentais¹⁵, remete o “passar a boiada” de Salles ao desmatamento. Brevemente, poderíamos fazer a seguinte associação metafórica: abrir a porteira para a boiada = deixar passar as motosserras; liberar o desmatamento. A metáfora imagética também é percebida pela heterogeneidade mostrada, uma vez que o chargista, pela imagem do ministro abrindo a porteira, deixa explícita a referência ao sujeito/enunciador do discurso-fonte.

Partindo da premissa aristotélica de que a metáfora consiste em nomear alguma coisa a partir de uma outra coisa,¹⁶ Almeida *et al.* (2013) e Charteris-Black (2014) apontam como crucial a noção de que a metáfora conecta duas coisas que normalmente não estão relacionadas. No nosso exemplo, temos duas unidades lexicais, doravante ULs, que normalmente não estariam no mesmo domínio, BOIADA e MOTOSSERRAS, contudo, pela metáfora veiculada na charge, as duas ULs passam a ser codependentes no processo de atribuição de sentido ao texto imagético.

Acerca da análise de expressões metafóricas, Kövecses (2006, p. 124-125) afirma: “[t]he particular pairings of source and target domains give rise to metaphorical linguistic expressions, linguistic expressions thus being derivative of two conceptual domains being connected.”¹⁷ Este processo ocorre tendo em vista alguns dos possíveis *frames* associados às ULs envolvidas, ou seja, a forma pela qual o leitor/interlocutor percebe relação entre os dois termos através do contexto e das inferências que é capaz de fazer a partir do seu conhecimento de mundo, suas experiências e seu repertório linguístico. É pelo contexto – o discurso do ministro – que o leitor é capaz de compreender a expressão *passar a boiada* em seu sentido metafórico.

Desta forma, pela imagem do ministro Salles abrindo a porteira para deixar “passar a boiada”, onde a boiada é representada por motosserras, entende-se a imagem metafórica como a ação de liberar o

¹⁵ Van Dijk (1997, 2008).

¹⁶ Aristóteles (1952 *apud* CHARTERIS-BLACK, 2014, p. 159).

¹⁷ “Pares particulares dos domínios fonte e alvo dão origem a expressões linguísticas metafóricas, expressões linguísticas as quais derivam-se de dois domínios conceituais conectados”. [tradução nossa]

desmatamento e, conseqüentemente, a destruição da floresta Amazônica, vindo a ocasionar muitos outros problemas socioambientais – emergência climática, extinção de espécies da fauna e flora, apropriação ilegal de terras indígenas, seca, queimadas, crimes ambientais etc. É importante ressaltar que os verbos nas expressões “passar a boiada” (discurso-fonte) e “abrir a porteira” (no caso da charge, temos a ação representada como texto imagético) também possuem valor metafórico. Se em “abrir a porteira para a boiada passar” temos a boiada representada pelas motosserras, considerando o mapeamento conceitual entre BOIADA (domínio-fonte) e MOTOSSERRAS (domínio-alvo), logo PASSAR A BOIADA (domínio-fonte) É DESMATAR (domínio-alvo). Assim, como explicamos abaixo, temos uma representação metafórica, subsumida à fórmula A (domínio-alvo) é B (domínio-fonte), RELAXAR AS POLÍTICAS AMBIENTAIS É DEIXAR PASSAR A BOIADA, ilustrado no Quadro 2.

QUADRO 2 – Mapeamento conceitual

Domínio-alvo → RELAXAR AS POLÍTICAS AMBIENTAIS	desmatamento, motosserras, destruição da natureza, agronegócio, dor, crime, fauna, flora, morte, invasão, Amazônia, natureza, seca, deserto, fogo, comida, terra, machados etc.
Domínio-fonte → DEIXAR PASSAR A BOIADA	abrir caminho para/abrir a porteira para/deixar passar a manada de bois/o gado

Fonte: elaboração própria.

Isso posto, notamos o mapeamento conceitual *boiada e motosserra*, cuja significação se estabelece pelo jogo metafórico veiculado na charge, tendo o discurso do ministro como cotexto para auxiliar no processo de construção mental do segmento discursivo do ministro em questão. Registre-se que este tipo de metáfora foi classificado como *metáforas culturalmente adaptadas* (HIDALDO-DOWING; KRALJEVIC-MUJIC, 2009), uma vez que evocam a informação sociocultural acessível aos *frames*, ao repertório dos falantes, trazendo pequenas mudanças aos conceitos culturalmente experienciados a fim de adaptá-los a situações socioculturais específicas. Já pela classificação proposta por Charteris-Black (2014), esta metáfora pode ser interpretada como *nova*, uma vez que foi criada a partir de um contexto sociocomunicativo muito específico, demonstrando alto grau de criatividade. Foi a partir da fala do ministro que a expressão “passar a boiada” recebeu nova conotação

e passou a integrar o repertório linguístico dos falantes do português do Brasil, estando assim em processo de transição de metáfora *nova* ou *culturalmente adaptada* para *convencional* (cf. ALMEIDA *et al.* 2013; ALMEIDA; GEIRINHAS 2020). Isso posto, o falante do português do Brasil, imerso na cultura deste país, tendo conhecimento da realidade da vida no campo onde “passar a boiada” significa em seu domínio concreto “abrir caminho ou abrir a porteira para o gado passar”, ao conhecer e contextualizar o discurso do Ministro do Meio Ambiente, passa a apreender a nova relação entre a expressão e seu sentido metafórico na base da qual se constrói a metáfora culturalmente adaptada RELAXAR AS POLÍTICAS AMBIENTAIS É DEIXAR PASSAR A BOIADA.

Assim concluímos a breve análise dos 03 textos, ressaltando que, mesmo pertencentes a diferentes gêneros, os aspectos dialógicos e heterogêneos os relacionam ao discurso fonte, constituindo uma cadeia de gêneros voltados à mesma temática. Suas marcas intertextuais, interdiscursivas e retóricas evidenciam o dialogismo e a ideologia, os quais direcionam as estratégias argumentativas de seus enunciadores.

Considerações finais

Tivemos como objetivo analisar brevemente alguns aspectos relacionados ao dialogismo e à heterogeneidade discursiva, a partir do discurso proferido pelo Ministro do Meio Ambiente do Brasil, Ricardo Salles, na reunião ministerial de 22 de abril de 2020. Considerando o pressuposto da Análise do Discurso de que o pesquisador, embora busque analisar seu objeto de estudo pelo viés acadêmico, deve direcionar seu trabalho para questões de relevância social, escolhemos um *corpus* que retrata, de forma diversificada e multimodal, o discurso de indignação e afrontamento à política de destruição ambiental que vem sendo adotada pelo governo Bolsonaro e o atual Ministério do Meio Ambiente.

Muitas ONGs de notoriedade mundial, a exemplo da WWF, Green Peace, Observatório do Clima, SOS Mata Atlântica, ClimaInfo, Instituto Socioambiental (ISA), entre outras, além de jornais, blogs, ativistas e cidadãos comuns, se posicionaram criticamente em diversos suportes televisivos, impressos e digitais, assim como em redes sociais, repudiando a fala do ministro e as políticas ambientais do atual governo. Por esta razão, consideramos pertinente selecionar, dentre a variedade de textos orais e escritos sobre esta temática, alguns que pudessem exemplificar

aspectos do processo de construção do discurso de desaprovação e embate às políticas ambientais bolsonaristas.

A repercussão em nível nacional e mundial da temática aqui discutida demonstrou que existe no Brasil e no mundo uma grande preocupação com a questão ambiental e uma rede de suporte atenta, a exemplo de coletivos, organizações, pesquisadores, povos indígenas, ativistas etc., disposta a trabalhar pela conscientização acerca das consequências de políticas ambientais imprudentes e do desmonte dos direitos ambientais e humanos.

Os textos aqui apresentados trazem recursos, estratégias discursivas e dialógicas que estruturam, (re)elaboram, discursos de resistência. O leitor/interlocutor, ao se deparar com estes textos, ativa sua memória discursiva e amplia sua competência argumentativa através do interdiscurso e da heterogeneidade observada nos textos; tal processo contribui sistematicamente para a formação do leitor que não só lê de maneira passiva, mas interage com sua realidade, seu universo social e linguístico, (re)significando sua interpretação de questões políticas e sociais através dos processos dialógicos e argumentativos interpelados nos textos, na base da expressão idiomática de índole metafórica “Passando a Boiada”, em regime multimodal.

Portanto, cabe ao analista do discurso trazer à tona problemas sociais, que operam nas relações de poder, buscando compreender como estas relações são construídas através de aspectos ideológicos inerentes à linguagem, à interação humana. Assim, concluímos citando Van Dijk (1997), quando postula que a autoridade pode ser obedecida no discurso, mas também desafiada por meio dele.

Contribuições de cada autora

Camila Belizário Ribeiro – Análise do Discurso (Resumo, Introdução, Considerações Finais, pontos 1, 2, e 4 e 5).

Maria Clotilde Almeida – Subjetividade em Foucault, Multimodalidade, Retórica, Metáfora Conceitual e Metáfora Multimodal (Resumo, Considerações finais e pontos 1, 3 e 5).

Referências

ALMEIDA, M. C. Going Political – multimodal metaphor framings on a cover of the sports newspaper “A Bola”. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 84-98, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5752/P.2358-3428>.

ALMEIDA, M. C. Metáforas multimodais em painéis políticos: abordagem cognitiva de suportes texto-imagem nos mídia. In: CAVALCANTE, S.; MILITÃO, J. (org.). *Linguagem e cognição*. Desafios e perspectivas contemporâneas. Campinas: Mercado de Letras, 2019. p. 291-308.

ALMEIDA, M. C. *et al.* *Jogar futebol com as palavras: imagens metafóricas no jornal “A Bola”*. Lisboa: Colibri, 2013.

ALMEIDA, M. C.; GEIRINHAS, R. COVID-19 e as suas metáforas: “roteiro” ou “rodízio”? *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 69, p. 90-105, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/ell.v0i69.44289>.

AUSTIN, J. *How to Do Things with Words*. 2. ed. Oxford/New York: Oxford University Press, 1962.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

AUTHIER-REVUZ, J. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 6-20, 2011. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2020.2.38702>.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARKER, C.; GALASINSKI, D. *Cultural Studies and Discourse Analysis*. A dialogue on Language and Identity. London: Sage, 2001.

BARTON, D.; LEE, C. *Language Online: Investigating Digital Texts and Practices*. London: Routledge, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203552308>

BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, É. *Problemas de Lingüística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989. p. 81-92.

BORBA, P. L. Entre a coincidência e a não-coincidência: um estudo sobre as falas de esquizofrênicos no campo da enunciação. In: ENCONTRO CELSUL – CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 6., 2004, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2004. p. 1-10. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/385570420>. Acesso em: 2 dez. 2020.

BRANDÃO, H. N. Enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, R. (org.). *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 19-43.

CAMARGO, S. Em anúncio, entidades empresariais defendem desmonte ambiental de Salles, mas associadas repudiam apoio nas redes sociais. *Conexão Planeta*, 2020. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/em-anuncio-entidades-empresariais-defendem-desmonte-ambiental-de-salles-mas-associadas-repudiam-apoio-nas-redes-sociais/#fechar>. Acesso em: 15 nov. 2020.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARTERIS-BLACK, J. *Analysing Political Speeches: Rhetoric, Discourse and Metaphor*: Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-1-137-36833-1>

COCKCROFT, R.; COCKCROFT, S. *Persuading People: An Introduction to Rhetoric*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-1-137-05527-9>

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. London; New York: Routledge, 2004. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203697078>

FERNANDES, S. Esplanada da Morte (V) – Por que Ricardo Salles e sua “boiada” continuam passando? *De olho nos ruralistas: observatório do Agronegócio no Brasil*, 2020. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/2020/08/03/esplanada-da-morte-v-por-que-ricardo-salles-e-sua-boiada-continuam-passando/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

HIDALGO-DOWING, L.; KRALJEVIC-MUJIC, B. Infectious Diseases are Sleeping Monsters: Conventional and Culturally Adapted Metaphors in a Corpus of Abstracts on Immunology. *Iberica*, Madri, v. 17 n. 17, p. 61-82. DOI: [doaj.org/article/266396231c8d41aa9cc1ed611d2ec771](https://doi.org/10.1017/S0013792X21000071)

KÖVECSES, Z. *Language, Mind and Culture: A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KÖVECSES, Z.; SZABÓ, Idioms: A View from Cognitive Semantics, *APPLIED LINGUISTICS*, Budapest, v. 17, n. 3, p. 326-355, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1093/applin/17.3.326>.

LINS, M. P. P.; RANGEL, S. A. S. O tópico discursivo em charges diárias. *Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 1013-1023, 2011. Disponível em: www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/089.pdf. Acesso em: 19 jan. 2020.

MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32 2, p. 123-151, 2016. Disponível em: Necropolítica | Mbembe | arte e ensaios (ufrj.br). Acesso em: 23 mai. 2021.

MEDEIROS, W, S. *#MarielleFranco: Estudo da Utilização das Hashtags como Ferramenta de Mobilização no Contexto do Ciberativismo*. 2020. 177f. Dissertação (Mestrado em Novos Media e Práticas Web) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2020.

MESQUITA, D. P. C.; ROSA, I. F. As heterogeneidades enunciativas como aporte teórico-metodológico para a Análise do Discurso de linha francesa. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 14, p. 130-141, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25130>. Acesso em: 19 jan. 2020.

OLIVEIRA, R. D. V. L.; PEREIRA, P. B.; LORENZETTI, L. Entre a “oportunidade” e a passagem da “boiada”: mídia, discurso e educação científica e tecnológica. *Revista Sergipana de Educação Ambiental/REVISEA*, São Cristóvão, v. 7, n. especial, p. 1-20, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47401/revisea.v7iEspecial.14435>

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes; 2003.

SEARLE, J. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139173438>

SILVA, P. C. D.; ALMEIDA, M. C. The Imagetic-Cognitive Discursive Argumentation of Aspects of Environmental Sustainability in “Charges” and Cartoons: Critical Humor Strategies Through Conceptual Metaphors. *Papeis: Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens*, Campo Grande, v. 24, n. 47, p. 103-131, 2020.

SHALDERS, A. Passando a boiada: 5 momentos nos quais Ricardo Salles afrouxou regras ambientais. *BBC News Brasília*, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54364652>. Acesso em: 15 nov. 2020.

TSERONIS A.; FORCEVILLE, C. Argumentation and rhetoric in visual and multimodal communication. In: TSERONIS A.; FORCEVILLE, C. (ed.). *Multimodal Argumentation and Rhetoric in Media Genres*. Amsterdam: J. Benjamins, 2017. p. 1-24. DOI: <https://doi.org/10.1075/aic.14.01tse>

UOL Notícias. “Passar a boiada”: Governo Bolsonaro acelerou publicação de atos sobre meio ambiente durante a pandemia, 2020. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/11817_passar-a-boiada-governo-bolsonaro-acelerou-publicacao-de-atos-sobre-meio-ambiente-durante-a-pandemia.html. Acesso em: 15 jan. 2021.

UOL. *Leia a íntegra da reunião ministerial de 22 de abril*, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/22/confira-a-integra-da-degravacao-da-reuniao-ministerial-de-22-de-abril.htm>. Acesso em: 10 jan. 2021.

VAN DIJK, T. A. The Study of Discourse. In: VAN DIJK, T. A. (ed.). *Discourse as Structure and Process*. London; Thousand Oaks; New Delhi: SAGE Publications, 1997. p. 1-34. DOI: <https://doi.org/10.4135/9781446221884.n1>

VAN DIJK, T. A. *Discourse and Context: A Socio-Cognitive Approach*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511481499>

WWF BRASIL. *É inaceitável um ministro que usa a morte de milhares de brasileiros para agir na ilegalidade*. Disponível em: https://www.wwf.org.br/informacoes/noticias_meio_ambiente_e_natureza/index.cfm?76282/Nota-de-posicionamento-e-inaceitavel-um-ministro-que-usa-a-morte-de-milhares-de-brasileiros-para-agir-na-ilegalidade. Acesso em: 10 dez. 2020.